

Avaliação da relação com a figura materna no CAT-A

Anna Elisa de Villemor-Amaral – Universidade São Francisco

Maria de Fátima Xavier – Universidade São Francisco

Resumo

Considerando a necessidade de ampliar a precisão da interpretação para diversos indicadores do CAT-A, esta pesquisa teve como objetivo verificar o grau de concordância entre avaliadores independentes, destacando um aspecto da personalidade frequentemente abordado no psicodiagnóstico de crianças. Trata-se de indicadores sobre o tipo de relação com a figura materna a serem analisados a partir de critérios previamente estabelecidos, visando melhor confiabilidade dos resultados obtidos com o teste. Participaram dessa pesquisa duas juízas que analisaram 31 protocolos. As avaliadoras eram psicólogas clínicas, com conhecimentos da teoria psicanalítica e bastante prática com a técnica em estudo. Formadas há mais de 10 anos, tinham experiência no atendimento psicológico em psicodiagnóstico e psicoterapia. Fizeram as análises independentes e às cegas quanto ao objetivo dessa pesquisa. Verificou-se a fidedignidade das avaliadoras pela pontuação dos protocolos do teste nos indicadores selecionados. Dessa forma, o escore obtido por todos os sujeitos testados, a partir da análise das duas avaliadoras, possibilitou estimar a precisão por meio de correlação de coincidências. Verificou-se que os índices apresentados pelo Kappa para maioria dos indicadores de relação materna podem ser considerados satisfatórios. Desse modo, constatou-se que a possibilidade de desenvolvimento de um sistema de análise com critérios ainda mais claramente definidos e detalhados permitirá que análises feitas por vários profissionais experientes permitam atingir conclusões bastante semelhantes, evitando-se com isso a interferência excessiva da subjetividade do avaliador na interpretação dos resultados, ponto central dos questionamentos sobre a validade das técnicas projetivas.

Palavras-chave: CAT-A, técnica projetiva, precisão, relação materna.

Evaluation of the relation with the maternal illustration in the CAT-A

Abstract

Considering the necessity to develop more evidences of reliability of the CAT-A the aim of this study was to verify the inter raters agreement about one of the aspects considered in the child personality assessment by this technique. The relation with the mother was the focus of this research that was analyzed considering previously established criteria. To psychologists participated in that research analyzing 31 protocols. They were clinical psychologists, with good knowledge of the psychoanalytic theory and large experience with the technique in study. They are graduated at least at 10 years, with experience in psychodiagnostics and psychotherapy. They made independent analyses they didn't know the objective of that research. The appraisers' reliability was verified comparing the punctuation of the protocols. Doing this, the two scores obtained by all the tested subjects made possible to esteem the judges' accuracy through coincidences. It was verified that the results presented by Kappa analyzes in most of the indicators of maternal relationship can be considered satisfactory. Finally, it was confirmed that the elaboration of clearly defined criteria of analyzes about the histories told to the pictures from several experienced professionals can reach similar conclusions, being avoided the excessive interference of the appraiser's subjectivity in the interpretation of the results

Keywords: Projective technique, accuracy, maternal relation.

Evaluación de la relación con la figura materna en el CAT-A

Resumen

Considerando la necesidad de ampliar la precisión de la interpretación para diversos indicadores del CAT-A, esta investigación tuvo como objetivo verificar el grado de concordancia entre evaluadores independientes, destacando un aspecto de la personalidad frecuentemente abordado en el psicodiagnóstico de niños. Se trata de indicadores sobre el tipo de relación con la figura materna para ser analizados a partir de criterios establecidos previamente, con el objetivo de buscar una mejor confiabilidad de los resultados obtenidos con el test. Participaron de la investigación dos juezas que analizaron 31 protocolos. Las evaluadoras eran psicólogas clínicas con conocimientos de la teoría psicoanalítica y bastante práctica con la técnica en estudio. Recibidos a más de 10 años, tenían experiencia en la atención psicológica en psicodiagnóstico y psicoterapia. Realizaron los análisis independientes y de forma ciega en relación a los objetivos de esta investigación. Se verificó la fiabilidad de las evaluadoras por la puntuación de los protocolos del test en los indicadores seleccionados. De esa forma, la puntuación obtenida por todos los sujetos evaluados a partir del análisis de las dos juezas, permitió estimar la precisión por medio de la correlación de coincidencias. Se verificó que los índices presentados por el Kappa para la mayoría de los indicadores de relación materna pueden ser considerados satisfactorios. De esa forma, se constató que la posibilidad de desarrollo de un sistema de análisis con criterios definidos y detallados más claramente permitirá que análisis realizadas por varios profesionales con experiencia permitan alcanzar conclusiones bastante semejantes, evitando con eso la excesiva interferencia de la subjetividad del evaluador en la interpretación de los resultados, punto central de los cuestionamientos sobre la validez de las técnicas proyectivas.

Palabras clave: CAT-A, técnica proyectiva, precisión, relación materna.

Endereço para correspondência: Anna Elisa de Villemor-Amaral

Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – Centro, Itatiba – SP – 13251-900 – E-mail: anna.villemor@saofrancisco.edu.br

Introdução

O Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A) é um instrumento que sempre ocupou um lugar importante na clínica com crianças, sendo um dos principais instrumentos projetivos usados neste contexto (Herzberg & Mattar 2005). Seu principal objetivo, assim como das demais técnicas projetivas, é investigar a dinâmica e estrutura da personalidade. Inclui-se na categoria dos testes projetivos temáticos, que revelam os conteúdos significativos da personalidade, bem como a natureza dos conflitos, desejos, relações com o ambiente, mecanismos de defesa, enfim as fantasias e a dinâmica da personalidade (Anzieu, 1981).

Para compreender de que maneira esse procedimento pode ser útil no contexto da avaliação psicológica, é importante lembrar que suas origens se apóiam nos conceitos de projeção e apercepção. O primeiro termo foi utilizado por Freud, em 1895, ao estudar a *Histeria*, entendendo como o deslocamento da culpa na obsessão, negação da realidade e projeção do ódio no outro. Já em 1911, na análise do caso Schreber, o termo projeção aparece relacionado à patologia, como característico da paranóia. Nesse contexto, a projeção é usada como um mecanismo de defesa que expulsa um desejo intolerável à consciência, sendo, portanto, um processo inconsciente. Mais tarde, em 1913, em *Totem e tabu*, Freud amplia esse conceito, constatando que o indivíduo atribui à realidade externa desejos e emoções não aceitos por ele como seus, dos quais é parcialmente inconsciente.

Freud (1969), portanto, usou o construto projeção como uma ação psíquica defensiva. Entretanto, quando a expressão “métodos projetivos para o estudo da personalidade”, foi introduzida por Frank em 1939 (citado por Anzieu, 1981), em artigo publicado no *Journal of Psychology*, o conceito de projeção já vinha associado a uma concepção inovadora e bastante ampliada. Esse autor usou o termo “métodos projetivos” para explicar as semelhanças entre três técnicas de avaliação da personalidade, o teste de associação de palavras de Jung (1904), teste de manchas de tinta de Rorschach (1920) e o Teste de Apercepção Temática (TAT) de Murray (1935), demonstrando que a semelhança entre elas residia no fato de que aí estava em jogo uma projeção, entendida como exteriorização de aspectos da personalidade não perceptíveis de outra forma. Desse modo, retira do termo o caráter meramente defensivo desse fenômeno.

O segundo conceito, apercepção, foi adotado por Bellak em 1950 (citado por Anzieu, 1981), indicando o “processo pelo qual a experiência nova é assimilada e transformada pelo traço da experiência passada de cada um, de modo a formar um todo novo” (p. 265), portanto a apercepção é uma interpretação e como tal dá sentido à experiência. Kagan (1966) esclarece que esse termo se refere à integração de uma percepção nova com a experiência passada e com o estado psicológico atual do indivíduo. Para esse autor, técnica de apercepção temática compreende uma noção ampliada de percepção que pode ser entendida como qualquer tarefa que exija interpretação de pranchas ou cenas por meio de um relato. Nesse sentido, Murray (1973) afirma que toda resposta dada ao teste evidenciaria uma interpretação pessoal, havendo uma identificação por parte do sujeito com o personagem principal da história, devendo o conteúdo manifesto ser analisado buscando-se seus aspectos latentes, isto é, as determinações e motivações inconscientes deflagradas ao se dar à resposta, sendo essa a função da interpretação.

Assim, quando se pede ao sujeito para compor um relato a partir de um estímulo, considera-se que sejam necessárias as participações dos processos primário (ego-prazer) e secundário (ego-realidade). O primeiro é caracterizado pela necessidade de descarga e satisfação imediata dos desejos de modo que, as associações promovidas pelo estímulo do teste remetem às suas necessidades internas, fantasias e desejos. O processo secundário tem a função de moderador do processo primário, obedecendo ao princípio de realidade, da lógica e da coerência (Shentoub, 1990), sendo o que colabora para a participação do estímulo, de modo mais ou menos objetivo, na resposta dada.

Cabe ainda ressaltar que o grau de objetividade da percepção é função do campo de estimulação de fatores externos; sendo assim, quanto menos estruturado for o campo perceptivo, maior a possibilidade de o indivíduo exteriorizar conteúdos de seu mundo interno sobre o material apresentado (Anzieu, 1981). Enquadram-se nessas características as figuras do CAT-A, que têm por objetivo eliciar processos projetivos sob a forma de histórias. É um descendente direto do Teste de Apercepção Temática (TAT), de Henry Murray, considerado um instrumento projetivo eficaz para avaliação de adultos, mas que não atendia, satisfatoriamente às necessidades de investigação de crianças pequenas, dada as características dos estímulos – figuras com situações mais pertinentes ao mundo adulto (Bellak & Bellak, 1949/1991).

Com base em suas experiências com crianças, o CAT-A foi criado por Leopold Bellak e Sonya Sorel Bellak em 1949, ao constatarem que é mais fácil para crianças pequenas identificarem-se com animais do que com pessoas (Bellak & Bellak, 1949/1991). Em 1965 foi publicada uma forma humana (CAT-H), na qual as figuras de animais são substituídas por pessoas e, posteriormente, em 1952 foi lançado um suplemento do CAT, o CAT-S composto por figuras de animais em situações diferentes do primeiro.

O referencial teórico que fundamenta essa técnica é o psicanalítico e o seu objetivo é estudar a dinâmica das relações interpessoais, a natureza e a força dos impulsos e tendências assim como as defesas organizadas contra eles. As situações escolhidas para compor cada prancha referem-se a aspectos importantes do desenvolvimento da criança, do ponto de vista da teoria psicanalítica, como as fases oral, anal, fálica, complexo edípiano, reações diante da cena primária, relações objetais, etc. (Van Kolck, 1975; Tardivo, 1992).

A análise do CAT fundamenta-se no princípio básico de que as interpretações que o indivíduo faz do estímulo são uma apercepção idiossincrática, ou seja, a pessoa o interpreta à sua maneira, em função de suas necessidades e motivações. Para orientar o profissional na análise das respostas, o manual de Bellak e Bellak (1949/1991) propõe que se analise cada história a partir de 10 categorias principais. O Tema Principal da história; Herói Principal; As Principais Necessidades e Impulsos do Herói; Concepção do Ambiente; Figuras Vistas Como...; Os Conflitos Significativos; A Natureza das Ansiedades; As Principais Defesas; Adequação do Superego e A Integração do Ego.

Entretanto, é importante ressaltar algumas dificuldades encontradas quanto à precisão nas análises dos instrumentos projetivos infantis. Uma delas é inerente aos instrumentos que refletem e são influenciados pelo desenvolvimento emocional e cognitivo. Ao lado disso, encontra-se uma grande amplitude de variáveis implicadas na personalidade do sujeito, que se inter-relacionam de modo bastante complexo, o que dificulta a elaboração de critérios de análise bem definidos de modo a permitir alto grau de concordância quando os dados são avaliados por profissionais diferentes. Apesar dessa complexidade, é possível buscar maneiras de analisar as respostas com um grau de precisão tal que vários profissionais experientes possam chegar a conclusões bastante semelhantes, evitando-se a interferência excessiva da subjetividade do avaliador

na interpretação dos resultados. Trata-se de escalas e esquemas de análise aplicados pelo avaliador sobre a produção do sujeito (Villemor-Amaral, 2006) e é nesse modo de compreensão do material obtido que o presente trabalho se desenvolve.

Sendo assim, devido às inúmeras possibilidades de análise e à grande quantidade de informações sobre a dinâmica psíquica infantil que o CAT-A possibilita, optou-se por focar nesse estudo um aspecto específico – a relação objetal materna, para demonstrar de que modo é possível obter maior rigor nas análises. Portanto, foram destacadas categorias de indicadores referentes a relação com a figura materna a partir da proposta de interpretação dos aspectos gerais da personalidade de Tardivo (1992). Essa autora elaborou categorias que pudessem agrupar um grande número de interpretações, a partir do que cada prancha pode desencadear, tendo como referencial teórico a psicanálise, principalmente a teoria das relações objetais de Klein (1981 e 1982).

Para Bellak e Bellak (1949/1991) as relações objetais têm como componente o tipo e o grau de relação, assim como o investimento afetivo com os outros e leva em consideração a tendência à escolha objetal narcísica ou à reciprocidade e o quanto os relacionamentos atuais são influenciados por relacionamentos antigos de forma adaptativa ou mal-adaptada, atendendo a propósitos atuais maduros, mais do que aos do passado e imaturos. É importante considerar o grau em que o outro é percebido como indivíduo, mais do que como extensão de si mesmo, de tal forma que a pessoa possa manter a constância do objeto, ou seja, relações mais estáveis.

Complementando sua avaliação da função do ego Bellak, Hurvich e Gediman (1973) descreveram a multidimensionalidade das relações objetais ao longo de um *continuum*, desde a ausência patológica de relacionamento até relações boas, relativamente livres de distorções e gratificantes do ponto de vista das necessidades egóicas. Essa capacidade de se relacionar com os outros, que a psicanálise designa como a função egóica da relação objetal, é vista como fundamental para a vida psicológica saudável, tendo como objetivo preservar o ego na sua mediação entre os processos internos e as demandas da realidade.

É importante lembrar os pressupostos psicanalíticos decorrentes da teoria das relações objetais de Melaine Klein que foram utilizados por Tardivo (1992) na elaboração do referencial de análise do CAT-A. Ao

observar o comportamento dos bebês, Klein (1982) afirma que a passagem da posição esquizoparanóide na qual o ego se relaciona com um objeto dividido (ideal/persecutório) – para a posição depressiva é gradual. Para que isso ocorra é necessário que haja a predominância de experiências boas internas e externas sobre as experiências más. Na posição depressiva, à medida que ocorre uma diferenciação entre o que é eu e o que é objeto, diminuem os mecanismos de projeção, resultando uma diminuição da cisão entre objetos bons e maus.

As características principais da posição depressiva referem-se ao ato de reconhecer o objeto como um todo e relacionar-se com esse objeto total como algo fora de si mesmo, que ora é bom porque satisfaz e ora é ruim porque frustra. Porém esse reconhecimento agora mobiliza temor pelos danos provocados a esse objeto externo e integrado que foi alvo de ataques movidos por angústias e frustrações.

Concordante com essa teoria, Winnicott (2001) aponta que a integração da personalidade da criança ocorre gradativamente e isso faz com que o objeto parcial seja compreendido como parte de outra pessoa. Esse desenvolvimento só ocorre de fato quando as condições de relações objetais são suficientemente boas. Portanto, de acordo com esse autor, “o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, de dependência relativa e um caminhar rumo à independência” (p. 27).

Ao elaborar procedimentos de avaliação para o CAT-A, Hirsch (1987) incluiu a teoria das relações objetais, evidenciando a importância de detectar não só as características e o tipo de necessidades do indivíduo, mas também “sua integração com o tipo de vínculos objetais predominantes: quais são as relações fantasiadas, as ansiedades ligadas às mesmas e os meios de defesas utilizados – de que defende e como se defende” (p. 152).

Na revisão bibliográfica de estudos brasileiros que verificaram a confiabilidade dos resultados do CAT-A, encontrou-se o de Silva e Villemor-Amaral (2006) que teve por objetivo fazer um estudo de evidência de validade entre as categorias de indicadores de auto-estima das técnicas projetivas CAT-A e HTP, correlacionando-os com o instrumento de auto-relato, EMAE – Forma A. Participaram desse estudo 32 crianças, entre 7 e 10 anos, de ambos os sexos, freqüentando de 2ª a 4ª série do ensino fundamental de uma escola da rede pública da cidade do interior do Estado de São Paulo. A coleta

de dados do CAT ocorreu individualmente enquanto a do EMAE e HTP em duplas, em duas sessões. Os dados demonstraram que as categorias de indicadores destacadas para verificar o nível da auto-estima no CAT-A, apresentaram boa precisão pelo sistema de avaliadores, indicando que são confiáveis para avaliar os níveis de auto-estima.

É importante destacar que nessa pesquisa construiu-se um sistema de classificação das respostas, com critérios bem definidos de análise dos dados. Esse sistema diminuiu as possibilidades de variações nas conclusões dos profissionais, permitindo confiabilidade e uniformidade nos resultados.

Benczik (2005) verificou se o CAT-A é sensível para diferenciar meninos com e sem TDAH. Participaram desse estudo 40 crianças do sexo masculino que foram divididas em dois grupos: grupo I foi composto por 20 meninos com TDAH com idades entre 5 e 11 anos, freqüentando desde a pré-escola até a 6ª série, de escolas particulares e municipais de quatro cidades do interior de São Paulo. O grupo II foi composto por 20 meninos sem TDAH entre 5 a 11 anos de idade, freqüentando desde a pré-escola até a 6ª série, de cinco escolas particulares e municipais de duas cidades do interior de São Paulo. Para essa pesquisa a autora destacou e adaptou categorias de indicadores do CAT-A que pudessem discriminar os dois grupos, a partir da avaliação sugerida por Tardivo (1992). Os resultados indicaram além de evidência de validade, precisão entre avaliadores.

No que se refere a estudos brasileiros que propuseram verificar as relações objetais no CAT-A encontrou-se o de Tardivo (1992). Participaram dessa pesquisa 128 crianças de 5 a 8 anos, de ambos os sexos, em que 26 foram selecionadas para a pesquisa piloto, a partir da qual foram elaboradas as categorias para interpretação da técnica. Além de elaborar categorias de interpretação normatizadas para o CAT-A e o Teste das Fábulas de Düss, encontrou precisão entre juízes e evidência de validade entre instrumentos.

É importante salientar que essa autora fez um estudo de precisão com três juízes envolvendo todas as variáveis implicadas na avaliação da personalidade infantil. Portanto o seu estudo se diferencia do de Silva e Villemor-Amaral (2006) que verificaram a confiabilidade nas análises das avaliadoras em um aspecto da personalidade, a auto-estima. Esse critério mostrou-se eficaz na medida em que possibilitou concluir que a categoria de indicadores para verificar o nível de auto-

estima é confiável, permitindo ao profissional utilizá-lo com segurança.

Como se constatou na revisão bibliográfica há poucos estudos de precisão com o CAT-A. De acordo com Anastasi e Urbina (2000) a fidedignidade refere-se ao grau de confiabilidade do instrumento. Essas autoras apontam diferentes medidas de fidedignidade dos testes, são elas, Teste e Reteste; Forma-Alternada (imediate e retardada); Método das Metades (*Split-Half*); Kunder-Richardson e Coeficiente de Alfa e Avaliador.

Nesta pesquisa adotou-se o estudo de precisão entre avaliador que consiste em verificar o grau de concordância existente entre as avaliações. A fidedignidade do avaliador pode ser encontrada pela pontuação independente dos protocolos do teste. Dessa forma, os dois escores obtidos por todos os sujeitos testados possibilitam estimar a precisão do avaliador por meio de correlação de coincidências.

Ainda de acordo com Anastasi e Urbina (2000) para os testes projetivos de personalidade “existe tanta a necessidade de uma medida da fidedignidade do avaliador quanto dos coeficientes de fidedignidade mais comuns” (p. 96). A precisão do avaliador pode ser encontrada por meio do resultado da pontuação, independentemente de uma amostra dos protocolos do teste. Os dois resultados são correlacionados e o coeficiente de correlação encontrado é uma medida de precisão do avaliador. Ao lado disso, essas autoras chamam a atenção para outros fatores que garantem a confiabilidade nas análises das técnicas projetivas, que estão diretamente relacionados ao grau de conhecimento da técnica, ao domínio da teoria que a sustenta e a experiência dos profissionais.

Diante disso, e considerando a necessidade de ampliar a gama de indicadores do CAT-A que sejam precisos, esta pesquisa destacou apenas um aspecto da personalidade para facilitar as análises estatísticas dos dados. Sendo assim, a partir do sistema de avaliação elaborado por Tardivo (1992), separaram-se as categorias de indicadores de relação objetal materna a serem observados nas pranchas 1, 3, 4, 8, 9 e 10, a saber, relação com a figura materna de dependência - inibidora de crescimento e propulsora de crescimento; relação com a figura materna de independência realista; independência mágica, onipotente; relação materna de hostilidade, ataque; reparação de ataques, culpa; relação de gratificação – mãe supridora, provedora; relação materna de identificação e incorporação. É

importante ressaltar que essa autora trouxe a fundamentação teórica do construto e elaborou categorias de indicadores específicos que agrupassem um grande número de interpretações, visando a auxiliar as avaliadoras quanto a esse aspecto, mas não estabeleceu critérios claramente definidos que pudessem orientar o profissional nas análises dos relatos.

Sendo assim, as juízas utilizaram uma folha de avaliação contendo todas as categorias de indicadores dos aspectos da personalidade definidos por Tardivo (1992), ainda que sem critérios de como deveriam proceder. Para essa pesquisa, consideram-se como fatores relevantes nas análises dos protocolos o grau de conhecimento que tinham da técnica, o domínio da teoria que a fundamenta e a experiência clínica.

Com base no que foi exposto, uma das dificuldades encontradas quanto à precisão das técnicas projetivas é estabelecer padrões de avaliação que orientem a interpretação dos resultados. Isso pôde ser comprovado pelo número escasso de pesquisas encontradas que elaboraram critérios claramente definidos que orientassem nas análises dos protocolos. Partindo dessa constatação e da necessidade de mais estudos na população brasileira que comprovem a confiabilidade do CAT-A, esta pesquisa teve por objetivo verificar o grau de precisão entre juízes por meio de correlação de coincidências, em um dos aspectos da personalidade, relação objetal materna.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa duas juízas que analisaram os 31 protocolos. As avaliadoras eram psicólogas clínicas, com conhecimentos da teoria psicanalítica e bastante prática com a técnica em estudo. São formadas há mais de 10 anos, com experiência no atendimento psicológico em psicodiagnóstico e psicoterapia. Já participaram como juízas em outra pesquisa, portanto sabiam que deveriam fazer as análises independentes.

Materiais

Os protocolos de 31 crianças de ambos os sexos, com idades entre 7 e 10 anos, sendo (3,2%; N=1) de 7 anos, (45,2%; N=14) de 8 anos, (29,0%; N=9) de 9 anos e (22,6%; N=7) de 10 anos de idade, frequentando a segunda série (32,3%; N=10), a terceira série (41,9%; N=13) e a quarta série (25,8%; N=7)

do ensino fundamental de uma escola da rede pública do interior do Estado de São Paulo. Considerando o total da amostra, 14 (45,2%) crianças eram do sexo masculino e 17 (54,8%) do feminino. As crianças que participaram dessa pesquisa foram voluntárias e sem histórico conhecido de patologias graves que pudessem comprometer a realização dos testes.

O Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais – Children's Apperception Test – CAT-A. (Bellak & Bellak, 1949 / 1991) – é composto por uma série de 10 pranchas com figuras de animais em várias situações humanas. Destina-se a crianças de 3 a 10 anos de ambos os sexos e é analisado a partir de 10 variáveis propostas pelos autores do teste que devem ser observadas em cada história. Para essa pesquisa utilizou-se a proposta de interpretação dos aspectos gerais da personalidade de Tardivo (1992), destacando os indicadores de relação objetal materna a serem observados nas pranchas 1, 3, 4, 8, 9 e 10.

Procedimento

Para assegurar maior confiabilidade nos resultados e também para verificar a precisão nas análises do CAT, os protocolos dos sujeitos foram submetidos à análise de duas juízas independentes e cegas quanto ao aspecto da personalidade destacado para esta pesquisa. Sendo assim, desconheciam o objetivo dessa pesquisa, ou seja, não sabiam qual aspecto da personalidade foi destacado para ser verificado neste estudo. Por-

tanto, não receberam orientações de como deveriam proceder em suas análises, contando apenas com o seu conhecimento teórico, experiência e domínio da técnica, além da folha de avaliação que contemplou uma amplitude de categorias de indicadores relativas a dinâmica psíquica infantil. Nessa folha as avaliadoras atribuíram (P) para presença do indicador e (A) para a ausência.

Para fazer as análises estatísticas, atribui-se zero para a ausência e um para presença do indicador. Essas pontuações foram analisadas pelo *Kappa*, que apresenta os seguintes índices de confiabilidade, pobre para valores menores de 0,20; suficiente, para valores entre 0,21 e 0,40; moderada, para valores entre 0,41 e 0,60; boa, para valores entre 0,61 e 0,80 e muito boa, para valores entre 0,81 e 1,00.

Resultados

Os resultados referentes à precisão entre avaliadores no CAT-A, consistiram na análise da pontuação dos indicadores de diferentes tipos de relação objetal materna em cada protocolo. Para tanto destacaram-se as pranchas 1, 3, 4, 8, 9 e 10 que, de acordo com o referencial de análise, utilizado nesta pesquisa, mobilizam conteúdos referentes a esse aspecto. Os indicadores foram verificados nessas pranchas, pontuando com zero quando considerados ausentes pelos juízes e um quando presentes. Os resultados de precisão entre os avaliadores podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Índices de concordância *Kappa* entre juiz A e juiz B em indicadores de relação materna do CAT-A

Prancha	Indicadores de relação materna	Kappa	p
1	Dependência – inibidora de crescimento	0,49	0,003
1	Dependência – propulsora de crescimento	0,45	0,006
1	Independência realista	“a”	-
1	Independência mágica, onipotente	-0,03	0,853
1	Relação de hostilidade e ataque	0,52	0,004
1	Reparação de ataques, de culpa	0,35	0,048
1	Gratificação – mãe supridora, provedora	0,18	0,309
1	Relação com a figura materna – identificação	0,42	0,004
1	Relação com a figura materna – incorporação	“a”	-
3	Figura materna/autoridade – submissão	0,65	0,000
3	Figura materna/autoridade – temor	“a”	-
3	Figura materna/autoridade – hostilidade, agressividade, ataque, inveja	“a”	-
3	Figura materna/autoridade – reparação	“a”	-
3	Figura materna/autoridade – “esperteza” em lidar com as ameaças	“a”	-
3	Figura materna/autoridade – cooperação, amizade	0,37	0,008
4	Relação com a figura materna – dependência	0,62	0,000
4	Relação com a figura materna – independência	0,77	0,000
4	Relação com a figura materna – hostilidade	0,38	0,029
4	Relação com a figura materna – reparação	0,31	0,055
4	Relação com a figura materna – gratificação	0,78	0,000
4	Relação com a figura materna – identificação	0,49	0,005
8	Aceitação, identificação, proteção	0,92	0,000
8	Luta, hostilidade, não aceitação, oposição	0,92	0,000
9	Aceitação e proteção	0,74	0,000
9	Hostilidade, não aceitação, oposição, não sentir-se contido	0,52	0,004
10	Presença de objetos que contenha os impulsos – figura materna	0,74	0,000

“a”= a estatística *Kappa* não calculada, pois as variáveis são constantes.

A precisão entre avaliadores, na maioria das variáveis destacadas para verificar relação materna neste estudo, pode ser considerada satisfatória. Na prancha 1 alguns indicadores apresentaram índices Kappa entre 0,52 a 0,42 indicando confiabilidade moderada. São eles, relação de hostilidade e ataque; dependência (inibidora de crescimento); dependência (propulsora de crescimento) e relação com a figura materna de identificação. Já o indicador reparação de ataques, de culpa, apresentou uma concordância suficiente (Kappa=0,35), enquanto o indicador gratificação (mãe supridora, provedora) obteve índice que indica confiabilidade pobre (Kappa=0,18) e no indicador independência mágica, onipotente não houve concordância positiva.

Deve-se ressaltar que o índice de concordância, quanto aos indicadores independência realista e relação com a figura materna – incorporação, não pôde ser calculado, pois esses indicadores estavam ausentes nos protocolos e receberam pontuação zero. Essa variável (zero) constante não pode ser calculada pelo Kappa, o que permite inferir uma correlação de 1,00, já que essa ausência evidencia concordância. O mesmo foi verificado na prancha 3 nos indicadores de relação com a figura materna/autoridade (temor); figura materna/autoridade (hostilidade, agressividade, ataque, inveja); figura materna/autoridade (reparação) e figura materna/autoridade (“esperteza” em lidar com as ameaças). Enquanto o indicador figura materna/autoridade (submissão) apresentou confiabilidade boa (Kappa=0,65) e figura materna/autoridade (cooperação, amizade) indicou concordância suficiente (Kappa=0,37).

Na prancha 4 verificou-se que os indicadores relação com a figura materna (gratificação); relação com a figura materna (independência) e relação com a figura materna (dependência) obtiveram índices Kappa variando de 0,62 até 0,78 indicando boa confiabilidade. Já o indicador relação com a figura materna (identificação) apresentou correlação moderada (Kappa=0,49), enquanto os indicadores relação com a figura materna (hostilidade) e relação com a figura materna (reparação) apresentaram concordância suficiente (Kappa=0,37 e 0,31).

Observou-se na prancha 8 que os indicadores aceitação, identificação, proteção; luta, hostilidade, não aceitação, oposição indicaram confiabilidade muito boa (Kappa=0,92). Já na prancha 9 constatou-se que o indicador aceitação e proteção obteve índice Kappa 0,74, o que indica uma concordância boa, enquanto

o indicador hostilidade, não aceitação, oposição, não sentir-se contido, apresentou concordância moderada (Kappa=0,52). Finalmente na prancha 10 a variável presença de objetos que continha os impulsos (figura materna) evidenciou confiabilidade boa (Kappa=0,74).

Discussão e conclusão

Conforme apresentado na revisão bibliográfica, uma das dificuldades encontradas nas técnicas projetivas é estabelecer padrões de avaliação que orientem a interpretação dos resultados. Por isso, há poucos estudos de precisão com o CAT-A. Diante desta constatação, este estudo teve por objetivo verificar o grau de precisão entre juízes por meio de correlação de coincidências, em um dos aspectos da personalidade, relação com a figura materna, com base nos indicadores apontados por Tardivo (1992). Sendo assim, verificou-se o grau de concordância entre as avaliadoras que fizeram as análises tendo como referência uma folha com todos os indicadores, embora a mesma não explicitasse critérios claramente definidos que orientassem na escolha das alternativas presença ou ausência.

Os protocolos do CAT-A foram submetidos a análises por duas juízas independentes e cegas quanto ao aspecto da personalidade a ser avaliado nos protocolos, uma vez que procederam uma análise completa, incluindo todos os indicadores destacados por Tardivo (1992). Desconhecer o objetivo da pesquisa é uma estratégia necessária em função da subjetividade que esse tipo de avaliação pode implicar. A partir dessas avaliações, verificou-se a homogeneidade entre as análises das avaliadoras. Constatou-se que os índices apresentados pelo Kappa na maioria dos indicadores de relação materna podem ser considerados satisfatórios.

Buscando analisar os aspectos que podem ter contribuído para que os resultados entre as juízas nos indicadores que não apresentaram concordância positiva ou indicaram índices fracos se configurassem dessa maneira, chegou-se a conclusão de que isso ocorreu provavelmente pela ausência de critérios claros que pudessem orientar o profissional nas análises dos relatos e na sua pontuação ausente ou presente. É importante assinalar uma vez mais que o referencial utilizado nas análises das juízas foi o de Tardivo (1992). Essa autora contribuiu de modo importante com a fundamentação teórica do construto, com a elaboração das categorias

de indicadores específicos e objetivos que agrupassem um grande número de interpretações, embora não tenha indicado critérios para a avaliação dos mesmos.

Sendo assim, pode-se concluir que elaborar categorias de indicadores sem determinar o procedimento claramente definido das análises, aumenta a possibilidade de variações nas conclusões dos profissionais, mas constitui um passo importante em busca da qualificação desse instrumento. Observa-se também que, embora imprescindíveis, o grau de conhecimento da técnica, o domínio da teoria que a sustenta e a experiência dos profissionais, por si só, não garantem a confiabilidade total nos resultados.

No que tange aos indicadores que não foram observados e pontuados nos protocolos pode-se aventar que ou estes não avaliam esse aspecto da personalidade infantil, ou as avaliadoras não estavam suficientemente instruídas quanto ao modo de pontuação dos mesmos no sentido da percepção e relação com a figura materna. Esse resultado não está de acordo com os achados de Tardivo (1992) que encontrou concordância positiva em todas as categorias de indicadores relativos aos vários aspectos da personalidade.

Os achados evidenciam que, dos vinte indicadores destacados para verificar a relação com a figura materna, cinco não foram constatados pelas juízas e dois apresentaram índice de concordância pobre. Esses dados informam que 65% dos indicadores podem ser considerados confiáveis para avaliar relação com a figura materna, sendo importante ressaltar que as cinco variáveis consideradas ausentes nos protocolos, pelas duas avaliadoras, permitem inferir uma correlação de 1,00, já que tal ausência evidencia concordância.

Os resultados estão de acordo com o conceito de precisão encontrado na literatura pesquisada. Se a precisão de um teste é avaliada a partir do grau de acordo ocorrido nas análises de juizes independentes, por meio de correlação de coincidências (Anastasi & Urbina, 2000), pode-se admitir a precisão do CAT-A na verificação das modalidades de relação com a figura materna.

Conforme apontado na fundamentação teórica, o problema principal ao se fazer estudo de precisão com instrumentos projetivos é criar sistemas de análises dos resultados que permitam, antes de tudo, confiabilidade dos dados quando comparados às análises entre diversos avaliadores. Essa dificuldade vincula-se aos métodos com menos carga psicométrica e que dependem mais da teoria para sua validação do que

de um sistema quantitativo de análise. Apesar dessa complexidade, esta pesquisa constatou a possibilidade e necessidade de elaboração de critérios claramente definidos de análise das respostas dadas ao instrumento, de modo que vários profissionais experientes possam chegar a conclusões bastante semelhantes, evitando-se a interferência excessiva da subjetividade do avaliador na interpretação dos resultados.

Finalmente pode-se confirmar que é possível atender a elementos fundamentais, a saber, a categorização das respostas a partir do estabelecimento de critérios de avaliação e interpretação bem definidos. É importante destacar que esse tipo de critério possibilita a padronização, pois evita interpretações diversas da teoria subjacente ao instrumento, que dependem da formação e do grau de compreensão do profissional. A criação de escalas e sistemas de classificação de respostas pode ser um caminho que aumente a credibilidade do emprego do CAT-A, assim como de outros Métodos Projetivos.

Referências

- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Anzieu, D. (1981). *Os Métodos Projetivos*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA.
- Bellak, L., Hurvich, M. S. & Gediman H. (1973). *Ego functions in schizophrenics, neurotics and normals*. New York: Wiley.
- Bellak, L. & Bellak, S. S. (1949/1991) *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais*. Campinas – SP: Editora de Livro Pleno – ME. (Originalmente publicado em 1949. Título original: Children's Apperception Test CAT-A).
- Benczik, (2005). *Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Um Estudo dos Aspectos Psicodinâmicos a Partir do Teste de Apercepção Infantil – CAT-A*. Tese de Doutorado. Psicologia da Aprendizagem, da Personalidade e do Instituto da Universidade de São Paulo, IPUSP.
- Fonseca, A. R. (2005) *Abuso Sexual na Infância: Um estudo de Validade de Instrumentos*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco. Itatiba-SP.
- Freud, S. (Ed.). (1969). *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [CD-ROM]. (Vols. 2, 12, 13 e 20). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Herzberg, E. & Mattar, A. (2005). Psychological Examination Techniques and Resources Used in the Department

- of Clinical Psychology of the University of São Paulo. *Trabalho apresentado no XVIII Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos*: Barcelona.
- Hirsch, S. B. (1987). Guia de Interpretação do Teste de Apercepção Infantil (CAT) de L. e S. Bellak. Em: Ocampo, L. S., Arzeno, E. G., Piccolo, E. G. (Orgs.) *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas* (pp.149-166). São Paulo: Martins Fontes.
- Kagan, J. (1966). *Técnicas de Apercepción Temática Aplicadas a Niños*. Buenos Aires: Paidós.
- Klein, M. (1982). *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Murray, H. A. (1973). *Teste de Apercepção Temática*. São Paulo: Mestre Jou.
- Shentoub, V. (1990). *Manual D'Utilisation Du TAT - Approche Psychanalytique*. Paris: Dunod Editeur.
- Silva, M. F. X. & Villemor-Amaral, A. E. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: Estudo de evidência de validade. *Avaliação Psicológica*, 5 (2), 205-215).
- Tardivo, L. S. P. C. (1992). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss: Estudos Normativos e Aplicações no Contexto das Técnicas Projetivas*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo.
- Winnicott, D. W. (2001). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1965. Título original: The Family and Individual Development).
- Van Kolck, O. L. (1974). *Técnicas de Exame Psicológico e suas Aplicações na Brasil: Testes de Personalidade*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Villemor-Amaral, A. E. (2006). Desafios para a Cientificidade das Técnicas Projetivas. Em Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A., Sisto, F. F. (Orgs.). *Facetas do Fazer em Avaliação Psicológica* (p. 163-171). São Paulo: Vetor Editora.

Recebido em: julho/2007

Revisado em: agosto/2007

Aprovado em: novembro/2007

Sobre as autoras:

Anna Elisa de Villemor-Amaral é doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, da Universidade São Francisco, campus Itatiba-SP.

Maria de Fátima Xavier é mestre em psicologia, doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco e professora das Faculdades Integradas Einstein de Limeira.